

ÍNDIOS E TELEVISÃO - UM ESTUDO DE CASO

Gladis Linhares*

Resumo

Mostrar a influência exercida pela televisão (telenovela “Terra Nostra”) na vida dos habitantes da aldeia urbana “Marçal de Souza”, formada por indígenas da tribo Terena, localizada no Bairro Tiradentes, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul é o principal objetivo deste trabalho. Os estudos de recepção desenvolvidos a partir da perspectiva latino-americana são usados como referencial teórico, principalmente os autores Jesús Martin Barbero, Néstor Garcia Canclini e Guillermo Orozco Gomez. O instrumental utilizado foi a observação não participante, com visitas semanais regulares e entrevistas semi-estruturadas. Os dados recolhidos foram analisados pela técnica de análise de conteúdo. As conclusões, indicam que o hábito de assistir à televisão ainda está em fase de formação na vida dos indivíduos em estudo, e a sua influência não é determinante na mudança dos costumes

O presente trabalho propõe abordar aspectos sobre quem são, como vivem e qual a influência da televisão, mais especificamente da telenovela “Terra Nostra” na formação cultural de indivíduos pertencentes a etnia indígena Terena que residem fora da aldeia rural.

A etnia indígena em questão está localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, na Região Centro-Oeste do Brasil. O último censo populacional realizado no ano de 96, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta, no Estado, a existência aproximada de um milhão e novecentos mil habitantes. Desse número, cerca de 3,0% são indígenas, constituindo a segunda maior população indígena do país, com cerca de 60 mil índios, pelo menos 15 mil são desaldeados.

Tem-se na capital sul-mato-grossense, a cidade de Campo Grande, uma única “aldeia indígena urbana”. Esse termo está sendo usado para identificar e denominar o conjunto composto de 115 residências, uma escola municipal de ensino fundamental e um memorial em homenagem à cultura indígena. A maioria dos seus moradores são da etnia Terena, vindos de aldeias rurais do interior do Estado.

Aqui é importante ressaltar alguns aspectos da cultura dos Terena, que têm hábitos essencialmente agrícolas, sendo o cultivo da mandioca, milho, feijão, arroz, o seu meio de subsistência. A produção excedente, cuja a comercialização é feita em feiras nas cidades próximas, constitui a principal fonte de renda dos índios nas aldeias rurais. Outra fonte de renda é a comercialização do artesanato, objetos de cerâmica, cestos de palha, colares de sementes e penas, produzidos na aldeia e vendidos na cidade.

Um dos motivos da saída dos Terena de suas aldeias rumo à cidade, deve-se, em grande parte, à mecanização da agricultura no Brasil a partir dos anos cinquenta, com a introdução de implementos e insumos que foram modificando o ciclo da plantação que era fonte de renda, bem como a alteração das condições climáticas.

A busca pelo emprego (notadamente o assalariado), pelo acesso à escola e assistência médica, são fatores demonstrados como decisivos para a saída dos índios Terena da aldeia. A partir daí, começa um caminho de idas e vindas da aldeia para a cidade, e a volta para o meio rural daqueles que não se adaptaram. O confronto de valores é evidente: a alteração dos costumes, as mudanças de hábitos e no modo de vida, a expectativa com relação aos valores sociais e bens de consumo, vão determinando novas atitudes.

A Empresa Municipal de Habitação (EMHA), responsável pela criação do projeto da aldeia urbana, denominou-a, oficialmente, de duas maneiras: assim como ela se apresenta hoje: “Loteamento Social Marçal de Souza” e, também, de “Loteamento Indígena Marçal de Souza”.

Neste estudo utilizamos, entretanto, o termo que é dito e conhecido pela população lá residente: “Aldeia Urbana Marçal de Souza” ou simplesmente “Marçal de Souza”. A referência ao nome “Marçal de Souza” é uma homenagem ao índio Guarani Marçal de Souza que lutava pela libertação de sua gente e pela demarcação das terras indígenas. Marçal foi assassinado por pistoleiros, na aldeia indígena de Campestre, no município de Dourados, em 25 de novembro de 1983.

Para entender como ocorreu a instalação desse loteamento, é necessário recorrer ao relato de alguns moradores do local.

A presidente da Associação dos Moradores Indígenas do Loteamento Marçal de Souza e fundadora da Comunidade Marçal de Souza, Enir da Silva Bezerra, 45 anos, relata que no dia 9 de julho de 1995, às 4 horas, foi ocupado o lote “Desbarrancado” localizado no Bairro

Tiradentes, por 74 famílias, destas 55 são de índios Terena e outras 15 que apenas usaram da situação para obter um lote.

Das 55 famílias indígenas que ocuparam o denominado lote, 38 já residiam em condições precárias, ou seja em favelas localizadas na periferia de Campo Grande, e, 19 delas vieram diretamente de aldeias localizadas no interior do Estado, para a ocupação.

Os relatos indicam que eram em torno de 500 os índios Terena, entre homens, mulheres e crianças, que ocuparam o lote. Também, é importante mostrar que trata-se de uma população flutuante, justamente pela ocorrência de movimento migratório interno, provocado pela vinda de parentes do interior e volta de algum membro da família que não se adaptou às novas condições de vida oferecidas na cidade.

Esses indígenas viviam concentrados no lote “Desbarrancado” que foi doado pela Fundação Nacional de Amparo ao Índio (FUNAI) à Prefeitura de Campo Grande. Tal situação, de certa maneira, por um lado, caracteriza que foram “adotados” pela Prefeitura de Campo Grande, quando na realidade não podemos afirmar que tenham sido solidárias as ações a eles dirigidas e sim estratégias políticas desenvolvidas pelo poder público, como a prefeitura e o Governo Federal, representados através da FUNAI, em projetos de intervenção; por outro lado, tal adoção é consequência da organização do grupo em “Associação dos Moradores Indígenas Desaldeados do Desbarrancado”, que reivindicaram direito à moradia, à escola, à saúde, ao trabalho, entre outras.

As ações permanentes dessa Associação vem apresentando resultados satisfatórios. E, de tal forma que, no ano de 1998, nesse terreno foram erguidas 115 casas de alvenaria construídas em regime de mutirão pelos próprios moradores. O conjunto de moradia contou com o financiamento da Caixa Econômica Federal (CEF), através do Programa Habitar Brasil e da Prefeitura Municipal de Campo Grande.

Constituiu-se a primeira aldeia urbana do país. Beneficia, com moradias 460 índios diretamente e 512 indiretamente. O último número é decorrente do fluxo migratório interno, principalmente, resultante dessa população.

Dando prosseguimento ao projeto de urbanização da aldeia, e a pedido dos seus moradores, para exposição e venda de artesanato, foi construído pela Prefeitura Municipal, em 1999, o Memorial da Cultura Indígena, que se transformou em ponto turístico, fazendo parte do roteiro de visitas da cidade.

Durante o mês de abril do ano 2000, o Memorial recebeu 3.503 visitantes. Os visitantes recebem informações a respeito das tradições indígenas e podem conhecer um pouco das peças artesanais de cerâmica e de palha e ainda telas com temas nativos e literatura indígena.

Também existe no local um estabelecimento do ensino fundamental, Escola Sulivan Silvestre de Oliveira, onde brancos e índios estudam com professores Terena e brancos. A escola, vinculada à rede municipal, foi construída com o apoio de empresários locais e da TV Morena (afiliada da Rede Globo), fazendo parte do projeto da Rede Globo de Televisão, “Brasil 500 Anos”. Na referida escola ensina-se a língua Terena apenas para os índios em horários específicos, além da carga horária e conteúdos regulares. As demais atividades seguem as exigências regulamentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, através do Ensino da Referência Curricular Indígena, e da Secretaria Municipal de Educação- SEMED. No período noturno, a referida escola, oferece o programa Educação de Jovens e Adultos -EJA.

Outra ação que está sendo desenvolvida na comunidade, desde janeiro de 2000, é a participação do Instituto Ayrton Senna, através do Projeto Educação pelo Esporte, que realiza atividades esportivas e de recreação com 100 crianças Terena entre 6 e 16 anos, moradoras no local.

A televisão e os índios da “Marçal de Souza”

O presente trabalho, como afirmamos anteriormente, visa compreender a influência exercida pela televisão na vida e na visão de mundo dos habitantes da aldeia urbana “Marçal de Souza” que possuem língua própria, hábitos de trabalho e consumo diferenciados. É importante mostrar que a visão de mundo a que nos referimos está ancorada no pensamento de Clifford Geertz (1989, p.143,144), e também o ethos de um povo, por ele denominado como sendo:

o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem...o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas que a visão de mundo descreve e a visão de mundo

torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como a imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica.

Pretende mostrar ainda a maneira pela qual a TV atua na formação do imaginário desses indivíduos, no caso específico os índios Terena, expostos há pouco tempo a esse veículo de comunicação, bem como na formação do hábito de assistir a televisão. A partir disso, também é evidenciada como é feita a releitura da programação pelos índios residentes na aldeia urbana, sendo o principal motivo dos estudos realizados. Segundo Gilberto Velho (1994), a forma de apreensão, de desejar e de criar as necessidades tanto das informações, quanto dos objetos e bens simbólicos, entre outros, variam de cultura para cultura.

Por essa razão, é importante dizer que, há cinquenta anos, grande parte da população brasileira convive com um aparelho que já foi objeto de desejo, de consumo, símbolo de status, aparelho através do qual se poderia ver o mundo: a televisão. O tempo passou e várias ondas, modismos, modelos, aperfeiçoamentos, intervenções ocorreram, mas a televisão continua sendo referencial de informação, diversão, e até mesmo de companhia.

A população enfocada diverge de certa forma dessa afirmação, à medida que entende esse meio de comunicação, essencialmente, como diversão e informação. A exclusão de ser compreendida como companhia nos remete à estrutura organizacional familiar que é coletiva. Ou seja, ao longo do trabalho de campo foi observado que a menor “família” é composta por cinco pessoas, nas demais verificamos a presença, além de pai, mãe e filhos, de membros como, tios, avós e outros. Sendo assim, o enfoque dado à companhia, neste caso, inexistente.

Integrando-se quase que simultaneamente ao nascimento da televisão, surge a telenovela, primeiramente inspirada na soap opera americana e nas radionovelas mexicanas. Com o passar do tempo, desenvolve características nacionais, através da narrativa da ficção, mostrando fatos relacionados ao cotidiano. Constatamos, em estudo exploratório, que esse é o gênero televisivo mais visto pela população estudada neste trabalho.

Muitas são as influências na formação dessa nova sociedade indígena, agora longe das aldeias, dentro de uma cidade com aproximadamente 600 mil habitantes.

Esse panorama mostra que a televisão não é a única responsável pelas alterações nos hábitos observados na aldeia indígena situada na zona urbana. A televisão coexiste, ou como denomina Jesus Martín Barbero (1997) ela é “mediada” com outras instituições como a família, a

escola, a igreja e os movimentos sociais, com as quais compete para fazer valer seus significados e predominar na socialização dos membros da audiência.

Saber como a televisão é vista, como é interpretada por essa sociedade, de que maneira altera comportamentos, despertando para novos desejos de consumo, são pontos considerados importantes.

A pesquisa em comunicação voltada para a recepção, ou interpretação das audiências da mídia, de acordo com Robert A. White(1998), retoma a cultura popular como o lugar onde se negociam os significados do intercâmbio social, bem como mostra de que maneira o processo comunicacional pode ser multilateral, permitindo extrapolar a visão da comunicação como transmissão de informações.

Para isso é utilizada uma linha de trabalho que estuda o consumo como lugar de diferenciação e distinção entre os grupos e as classes e que tem chamado a atenção para os aspectos simbólicos e estéticos da racionalidade consumidora. Néstor G. Canclini(1996), dentro desta linha, chama a atenção para a produção de artesanato, ou uma festa indígena cujo sentido mítico é propriedade dos que pertencem à etnia que os gerou, tornando-se elementos de distinção ou discriminação à medida que outros setores da mesma sociedade se interessam por elas e entendem, em algum nível, seu significado, levando a concluir que no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade.

A partir desta constatação é importante mostrar que Jesús Martín-Barbero(1997), diz-nos que, na atualidade, procura-se reconceituar o índio a partir do espaço político e teórico do popular, como culturas subalternas, dominadas, porém possuidoras de uma existência positiva, capaz de desenvolvimento.

Neste estudo o embasamento se dá na perspectiva da recepção, observando mais atentamente a construção cultural, em que o interesse está na reconstrução dos significados feita pelos receptores aos conteúdos, dando significados aos meios de acordo com sua realidade sociocultural. Dessa forma, o foco da análise passa a ser a interpretação das mensagens. Uma vertente dentro desta perspectiva é a que trabalha a mediação, entendida como rituais de negociação de significados que formam a base da cultura.

Os estudos de recepção de telenovela estão defasados algumas décadas, entre a sua consolidação como produto de preferência da maioria do público e a sua aceitação como trabalho de pesquisa na academia. Este aspecto é mostrado no “Catálogo do grupo de trabalho ficção

televisiva seriada cinco anos de produção de textos críticos” (1993/1997, p.6) que teve como coordenadora Maria Aparecida Baccega, prossegue mostrando que o “rótulo de entretenimento alienante encobre uma realidade que se quer ignorar embora, de forma direta ou indireta envolva a sociedade como um todo”.

A criação do Núcleo de Pesquisa de Telenovela- NPTN, coordenado pela professora Anamaria Fadul é o fato gerador para o a implantação do GT (grupo de estudo) Ficção Televisiva Seriada no congresso da INTERCOM- Sociedade Brasileira para Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

A partir deste reconhecimento da academia, já ano de 1993 foram 24 trabalhos inscritos, sendo 13 brasileiros. No decorrer dos anos, cresce o número de trabalhos brasileiros inscritos, bem como a diversificação quanto ao gênero telenovela. Também surgem estudos de minisséries, séries e seriados. Merece destaque a produção de trabalhos relativos à ficção brasileira, mais especificamente a telenovela, com 86% do total de trabalhos apresentados nos cinco anos analisados. Deste total, 18% foram análises de recepção de telenovela.

Terra Nostra: Pox’é Úti

A história desenvolvida na novela das oito, transmitida pela Rede Globo, mostra que a inspiração original do folhetim continua sendo característica, estilo de Benedito Ruy Barbosa, autor de Terra Nostra. Estes aspectos podem ser vistos de forma clara quando usa esta estrutura do folhetim trazendo paixões e desencontros, amizades e traições, cobiça, dinheiro e poder. Também a trajetória deste autor e sua larga experiência com temas rurais avalizam a qualidade e em consequência, o sucesso da novela.

A estrutura narrativa de Terra Nostra está dividida basicamente em dois grandes núcleos. O núcleo urbano e o rural. Após a viagem de navio da Itália para o Brasil no final do século XIX, e da separação no Porto de Santos do casal protagonista da novela, Mateu e Juliana, o núcleo rural é estabelecido a partir da ida de Mateu para a fazenda no interior do Estado de São Paulo, e Juliana fica na cidade de São Paulo onde se desenvolve o núcleo urbano.

Em linhas gerais, no núcleo rural estão presentes os grandes proprietários “nacionais”, os imigrantes italianos que chegaram no início do século em busca de uma vida melhor e da posse

pela terra. Estes imigrantes, usados como substitutos naturais dos negros recém libertos, quando aqui chegaram foram a mão de obra nas plantações de café no interior do Estado de São Paulo.

Neste universo rural o poderoso fazendeiro de café, Gumercindo, recebe os imigrantes para trabalhar nas lavouras de sua propriedade. Os padrões nacionais ainda estão se adaptando à nova forma de trabalho que exigia remuneração. Este é o local onde acontece a adaptação destes imigrantes europeus que vêm de uma outra relação de trabalho, em que era prática usual a sua remuneração. O choque entre os padrões e imigrantes é inevitável.

Os recém chegados buscam se adaptar ao novo lar, a uma nova realidade. Apesar das adversidades estes italianos mantêm algumas de suas danças, a música, introduzem novos hábitos alimentares e, principalmente, conservam entre eles o seu idioma.

Gumercindo é casado com Maria do Socorro e tem duas filhas, Angélica e Rosana. Com a chegada dos italianos a rotina da família muda. A paixão de Rosana por Mateu faz com que eles se casem, e Mateu se integra na família a contragosto de Gumercindo.

No núcleo urbano é onde se desenvolve a maior parte do enredo de Terra Nostra. É também onde acontece a busca pelo emprego na indústria, na construção civil, lugar que os romances e as relações familiares se tornam mais consistentes, as relações com a política e a estrutura social da época se apresentam com maior destaque do que no núcleo rural.

A protagonista da novela, Juliana, é recebida pelo grande amigo de seu pai, Francesco. Ao saber da morte dos pais de Juliana no navio, leva para sua casa na Avenida Paulista. Francesco já vive a vários anos no Brasil, onde chegou com algum capital e ficou rico emprestando dinheiro aos brasileiros, é casado com Janete e tem um filho, Marco Antônio, que se apaixona por Juliana e se casa com ela.

Com o desenrolar da trama Mateu se encontra novamente com Juliana, Rosana e Marco Antônio se conhecem e resolvem ficar juntos.

É importante observar também que grande parte deste núcleo é oriundo do rural, mostrando claramente o movimento migratório ocorrido no Brasil no início do século. Dentro da estrutura montada, podemos observar que a base da história dos personagens é proveniente do ambiente rural. Servindo como origem, célula matter, para o desenrolar do enredo no núcleo urbano.

Até este ponto a identificação da maioria dos entrevistados acontece principalmente com o núcleo rural, onde eles se encontram novamente com o ambiente da aldeia. O Sr. Calixto

Francelino tem 69 anos, é aposentado, saiu da aldeia em busca de escola para os filhos, explica que gosta mais do ambiente rural:

Do café né...É a gente gosta daquilo ali...Olha a gente acha interessante nos italiano é negócio da roça...Quanto que a gente sofre trabalhando na roça... Mandado pelos patrão tem que sujeitá a tudo ta veno comida...Horário de comida né e a gente fica olhando aquilo ali, a gente passo também pelos mato, maior sacrifício nas aldeia né agente planta tem veis que dá tem veis que num dá a gente vende quase dado quilo ali, tudo isso né e a gente começa a observa com as criança aquilo ali tanto sofrimento... A gente comenta com eles né.....Quanto a gente sofre né de trabalhar na roça como é bom estudar pra num passar desse jeito trabalhar na roça se mandado pelo patrão ser quase escravo e...Começa ficar quieto né...

Italete Moreira Pereira de 12anos, cursa a 4ª série na escola da “Marçal de Souza”, prefere a aldeia, não se acostuma com a cidade; Identifica-se mais com o núcleo rural.

Gosto de assistir novela, Terra Nostra, por causa que é muito bonita né, acho assim o tipo das danças deles, eu entendo mais ou menos, não perdo nenhum capítulo, eu nunca assisti uma novela... Gosto de todos mas a minha preferência é a fazenda porque meu avô trabalhava, o pai do meu pai trabalhava na fazenda, por isso que eu gosto mais de fazenda do que de cidade... Eu acompanho a novela desde o começo e to achando bem legal, a parte que eu gosto é a da fazenda mesmo, gosto da Juliana e do Mateu, as crianças, eu queria ser um deles, a Florinda, ela é bonita, os cabelos dela são lindos, os olhos, eu queria ser loira...eu pintaria o cabelo, gosto mais de louro do que de moreno, gosto muito, a Florinda ela é empregada e eu gosto, lavar a louça, ver janta, café da manhã, almoço. É tudo lindo, nunca tinha visto uma novela. Agora Terra Nostra eu acompanho, a fazenda do Gumercindo, a dança deles é bonita, na aldeia é diferente.

Quando Artur da Távola (1996, p.20, 21) diz que no discurso a telenovela é uma maneira de “narrativa realista repleta de romantismo, e narrativa romântica carregada de realismo. Daí o seu sucesso”. Isso tudo porque realismo e romantismo são “divisões básicas do espírito humano”. A emoção está presente na telenovela e não é diferente em Terra Nostra.

Rosana de Souza é índia Terena, tem 24 anos, é solteira, estudou até a 6ª série. Saiu da aldeia para trabalhar (babá) e estudar, prefere a cidade e diz que não voltaria para a aldeia, prefere o núcleo urbano da novela com interesse no clima de romance e observa:

Eu acho interessante a parte do Mateu e da Juliana, é uma parte romântica, eu gosto mais da parte dos dois, toda a novela é interessante, mas o que eu acho melhor é dos dois. De vez em quando eu não entendo o que eles falam mas a maior parte eu entendo. Eu queria ser a Juliana, uma parte ela sofre porque ela quer né, eu não queria que ela deixasse o Mateu, mas acho que ela vai... vai ficar com o Marco Antônio, acho que vai acontecer.

Mara Francelino Canale tem 23 anos, saiu em 1997 da aldeia para trabalhar (doméstica) e estudar, casou em 1999 com Leôncio Canale, de 30 anos que trabalha como soldador. Tem um filho, Eduardo, de 1ano. Diz que não voltaria para a aldeia. Prefere o núcleo urbano. Assiste à novela e não sabe explicar o motivo da sua preferência:

Eu gosto mais da Terra Nostra, eu gosto de tudo. Eu gosto mais da Juliana, só ela, eu não sei explicar, eu acho ela bonita. Não sei explicar. Eu vejo de vez em quando...Eu não sei explicar, mas eu queria ser a Juliana.

Algumas Considerações

A partir destes dados, podemos afirmar que a identificação com o núcleo rural se dá principalmente por aqueles que gostariam de voltar para a aldeia. Mesmo tendo saído em busca de uma vida melhor, com a possibilidade de frequentar a escola, ter acesso a atendimento de saúde, trabalho, depois de muitas lutas com “os outros”, tratados como estrangeiros na sua terra natal, após passar por muita dificuldade, como todos afirmam, “a vida na cidade está melhor no que se refere à moradia, à escola, até mesmo ao trabalho”.

Apesar das condições externas se apresentarem de forma positiva, a saudade, a vontade de voltar para a aldeia, para a origem ainda permanece. A novela através da trama desenvolvida nas fazendas, serve para mostrar o sonho, a vida que se levava e hoje não se tem mais, remete ao passado, criando a identificação, o espelho.

A identificação com o núcleo urbano se apresenta mais especificamente com relação ao romance dos protagonistas, Mateu e Juliana. Normalmente não fazem referências às

tramas paralelas que se desenvolvem na novela. São características das mulheres entrevistadas, e estas que também não querem voltar para a aldeia rural. Preferem a vida na cidade por julgarem ser mais cômoda com relação à saúde e à escola principalmente.

Podemos ainda concordar com a afirmação de que vários fatores concorrem com a audiência, recorrendo a Jesús Martín Barbero, com a mediações; e também com Néstor García Canclini (1996), quando afirma que o receptor se constrói, sendo, talvez necessário, um pouco mais de tempo para que o hábito de assistir à televisão se estabeleça de fato nos indivíduos em estudo. O autor também evidencia que a hibridização é resultante do contato do tradicional com contextos urbanos e com novos meios de comunicação.

É oportuna a afirmação de Guillermo Orozco (1996), quando chama a atenção para os distintos tipos de mediação que concorrem para a formação de audiências específicas. A “etnia” pode ser adotada como fonte de mediação individual. Uma vertente nos estudos contemporâneos, é o papel da identidade étnica na interação social dos diversos segmentos da audiência.

Entendemos como apropriadas, até certo ponto as colocações de Darci Ribeiro (1995,p.88), ao dizer que os índios, “são uma gente especial, que são índios tais, o povo tal, a etnia tal”, mostrando em seus estudos a respeito de índios, que as comunidades indígenas, tendo as mínimas condições de manter o elo social entre seus membros; mesmo perdendo o idioma, transfigurando-se racialmente através da mestiçagem; enfrentando dificuldades para preservar as características culturais nativas, elas, se submetidas ao convívio com outros grupos, resistem e permanecem com os seus hábitos.

Na “Marçal de Souza” isso é claro, por se tratar de um espaço geográfico construído, habitado e delimitado por indivíduos pertencentes a uma mesma etnia. Essas condições favorecem não- apenas a manutenção, mas também o resgate de várias formas de manifestação de sua cultura. O convívio diário com o seu semelhante, o seu “patrício”, propicia a troca de impressões a respeito das dificuldades e conquistas no novo espaço social dentro da cidade. Também, de uma certa maneira protege esses indivíduos da influência mais direta da sociedade branca nos seus costumes. Nota-se que a maioria permanecem na “Marçal de Souza”.

O fato de termos constituição como povo “mestiça”, nos proporciona um modo próprio de perceber, a mistura de conhecimentos e multiplicidade de manifestações que operam simultaneamente em nossa sociedade. De acordo com Jesús Martín Barbero (1997, p.259), é através da mestiçagem que estão se tornando pensáveis as formas e os sentidos que “a vigência

cultural das diferentes identidades culturais vem adquirindo: o indígena no rural, o rural no urbano, o folclore no popular e o popular no massivo”.

A indústria cultural neste trabalho, representada pela televisão, tem papel fundamental no cultivo e no despertar da consciência cidadã, ressaltando-se que os veículos de comunicação devem ter maior responsabilidade com o conteúdo de sua programação, pois constituem-se fator de espelho e modelo a serem seguidos por essa imensa população brasileira. Não é diferente com relação aos moradores da “Marçal de Souza”, de uma forma ou de outra, com frequência ou esporadicamente, todos assistem à televisão e estão expostos ao conteúdo veiculado.

Assim, ocorre-nos deixar as perguntas: Que povo os produtores dos veículos de comunicação estão querendo formar? Que indivíduo teremos para o novo milênio, dessa nação moldada pelos meios de comunicação? Quando todos serão cidadãos?

Este estudo prossegue, não finalizando-se aqui, por ser complexo e dinâmico, como são as características da televisão e do grupo em análise.

Referência Bibliográfica

CANCLÍNI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*.

Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 266p.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.323p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações comunicação, cultura e hegemonia*

Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 356 p.

OROZCO, Guillermo. *Television y audiencias un enfoque cualitativo*. Madrid: Ediciones de la

Torre/ Univ. Iberoamericana, 1996. 207p.

RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. 2ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 1995. 320 p.

RUÓTULO, Antonio Carlos. Audiência e recepção: perspectiva. *Comunicação e Sociedade*.

São Bernardo do Campo: UMESP, n°30, p.157-170, 1998.

TÁVOLA, Artur da. *A telenovela brasileira história, análise e conteúdo*. São Paulo: Globo, 1996. 119p.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 137p.

WHITE, A. Robert. Tendências dos estudos de recepção. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Moderna, n.º 13, p.41-72, 1998.